

A importância da divulgação para a implementação do Projeto Piloto da Campanha de Vacinação contra a Peste Suína Clássica no estado de Alagoas

Nina Machado de Oliveira¹ Eleonora D'Avilla Erbesdobler² Margareti Medeiros³ Luciana Lana Rigueira⁴

RESUMO

A Peste Suína Clássica (PSC) é uma doença de notificação compulsória, que afeta os suínos domésticos e asselvajados. No Brasil, o primeiro registro da doença foi em 1899 e, após anos de vacinação, a PSC foi erradicada de alguns estados brasileiros. Atualmente, o país é dividido em duas zonas: a livre da doença (ZI), subdividida em três sub regiões; e a zona não livre da doença (ZnL), onde está em andamento a Campanha de Vacinação contra a PSC, por meio da parceria público-privada, que selecionou o estado de Alagoas para receber o Projeto Piloto. Assim, se objetivou comparar os dados coletados nas duas etapas da campanha, realizadas em 2021 e 2022, além da aceitabilidade dos suinocultores quanto a essa ação. Com isto, se observou que a campanha trouxe melhorias para a suinocultura local, como a manutenção da saúde do rebanho e atualização do cadastro das propriedades rurais com criação de suínos, o que auxilia na aplicação de outras políticas públicas voltadas para o setor. Ainda, quando questionados os produtores a respeito da vacinação dos suínos, se identificou a necessidade de aprimorar os demais meios de comunicação a respeito da importância da campanha, tais como televisão, rádios e outros, o que possibilitará maior eficácia da execução nas próximas etapas. Portanto, o aprimoramento contínuo da campanha de vacinação, identificando a melhor forma de atuação dos envolvidos para a sua execução e eficácia, é essencial, bem como conscientizando que a sua prática é necessária para a manutenção da saúde do rebanho de suínos e o desenvolvimento das propriedades rurais de Alagoas.

Palavras-chave: Suinocultura; Vacinação; Peste Suína Clássica; Comunicação, Divulgação.

INTRODUÇÃO

A Peste Suína Clássica (PSC) é uma enfermidade causada por um vírus RNA, pertencente ao gênero Pestivirus da família Flaviviridae, que afeta suínos domésticos e asselvajados, sendo

altamente contagiosa e letal entre esses animais. A PSC é uma doença de notificação obrigatória ao Serviço Veterinário Oficial (SVO), conforme os preceitos da Organização Mundial de Saúde Animal, e ocasiona um grande

¹Graduanda do Curso de Medicina Veterinária da Uniceplac.

²Zootecnista, Mestre em Produção Animal e Doutora em Biociências e Biotecnologia. Professora do Curso de Medicina Veterinária da Uniceplac.

³Médica Veterinária, Mestre e Doutora em Medicina Veterinária Preventiva. Professora do Curso de Medicina Veterinária da Uniceplac.

⁴Médica Veterinária, Mestre e Doutora em Saúde Animal. SEAGRI-DF.

impacto na saúde animal e na indústria suína (OMSA/WHO, 2023).

Dependendo das estirpes virais, a manifestação clínica pode ser de forma aguda, subaguda e crônica (BLOME et al., 2017). Na forma aguda, os sinais clínicos iniciais incluem anorexia, letargia, conjuntivite, sinais respiratórios e constipação seguida de diarreia. Na forma crônica, os mesmos sinais clínicos são observados, mas os suínos sobrevivem por 2 a 3 meses antes de morrer. Sinais inespecíficos (por exemplo, hipertermia intermitente, enterite crônica e emagrecimento) também podem ser observados (ZIMMERMAN et al., 2019).

A primeira ocorrência da PSC no mundo foi datada em 1833 nos Estados Unidos, e posteriormente publicado o relato em 1888. Outras ocorrências da doença foram relatadas em parte da Europa, como na Inglaterra em 1862 e Alemanha em 1899. Atualmente a PSC ocorre em muitos países, principalmente na Ásia, América Central e do Sul, parte da Europa e África. A doença já foi erradicada em muitos países, a exemplo dos Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia e Austrália (OIRSCHOT, 1999; PATON, 2003; OLIVEIRA et al., 2014).

No Brasil, o primeiro caso da enfermidade foi relatado no ano de 1899 (BERSANO et al., 1985), onde a infecção se manteve endêmica em várias regiões até

a década de 1980, quando foi instituído, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o Programa de Combate às Pestes Suínas (PCPS) no ano de 1984. Posteriormente, em 1992, foi implementado o Programa de Controle e Erradicação da PSC, e os estados foram divididos em áreas para avaliar o progresso da campanha de vacinação e tornar os resultados mais evidentes. Estes programas oficiais envolveram o uso maciço de vacinação, reduzindo drasticamente a ocorrência da doença (FREITAS, 2007; BRASIL, 2019).

No ano de 1998 a vacinação foi proibida em todo o território nacional, e em 2000, foi realizado um estudo soroepidemiológico, com o intuito de avaliar a transmissão do vírus e o reconhecimento das áreas livres da doença no Brasil. O resultado desse estudo foi o reconhecimento de alguns Estados livres de PSC, e com o passar dos anos, outros Estados também foram incluídos no rol de livre da doença (BRASIL, 2019).

Atualmente, o Brasil é reconhecido internacionalmente pela OMSA/WHO em duas zonas distintas: a Zona Livre (ZL) de PSC, dividida em três sub regiões, onde Santa Catarina e Rio Grande do Sul formam um bloco, e Paraná outro bloco a parte dos demais 13 estados localizados nessa zona, sendo eles São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso do

Sul, Goiás, Mato Grosso, Distrito Federal, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Tocantins, Rondônia, Acre e parte do Amazonas. A ZL representa 82% do rebanho suíno do país. Já a Zona não Livre (ZnL) da doença, abrange 11 estados principalmente nas regiões norte e nordeste do país, sendo eles Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, Amapá, Roraima, e parte do Amazonas, correspondendo a 18% do rebanho suíno do país e 50% do território brasileiro (BRASIL, 2019; ABCS, 2021).

No ano de 2018, novos focos da doença foram confirmados em território brasileiro, na ZnL, especificamente no estado do Ceará. Nos anos seguintes, foram registradas outras ocorrências em Piauí e Alagoas, totalizando 83 focos de PSC até a presente data. Embora a ocorrência desses últimos focos registrados estejam limitadas à ZnL, a doença vem causando significativos impactos sociais e econômicos nessas regiões, além de preocupações quanto à possível reintrodução na ZL (WOAH, 2023; BRASIL, 2019; MORAIS, 2021).

Frente a esse cenário, em outubro de 2019 foi lançado o Plano Brasil Livre de Peste Suína Clássica - PEPSC, com foco na ZnL, e visando evoluir o processo de erradicação da doença nessas regiões para alcançar o reconhecimento de todo o país como livre de PSC. O Plano, em seu

escopo, também trouxe estratégias que foram essenciais para sua continuidade, tais como o fortalecimento dos programas estaduais de sanidade suína através de procedimentos de vigilância, educação sanitária, capacitação do quadro técnico dos Serviços Veterinários Estaduais (BRASIL, 2019).

Após a publicação do PEPSC, foi identificada a necessidade de aprimorar a qualidade das informações disponíveis no projeto, que seriam fundamentais para o planejamento e a implementação das ações de intervenção. Para isso, foi definido um estado-chave para receber o Projeto Piloto da campanha, visando identificar pontos fortes e fracos durante a execução da mesma, e assim aprimorar o processo e adaptar a metodologia para os demais estados da ZnL. O estado escolhido para sediar o projeto piloto foi Alagoas, devido a sua pequena extensão territorial, com área de 27.830,661 km², ao baixo registro de rebanho suíno, pela recente identificação de casos de PSC no ano de 2019 e por estar localizado e na divisa entre a Zona Livre e a Zona não Livre (BRASIL, 2022; IBGE, 2021).

Atualmente, a Campanha de Vacinação contra a Peste Suína Clássica se encontra em andamento, porém o Projeto Piloto corresponde apenas às duas primeiras etapas da campanha, tendo o relatório de seus dados publicado em 2022.

Diante do exposto, o propósito deste trabalho foi apresentar os resultados obtidos nas duas etapas da campanha de vacinação de PSC realizadas em 2021 e 2022 no estado de Alagoas, analisar comparativamente os dados alcançados e argumentar sobre as possíveis razões para as diferenças entre o número de suínos vacinados e de propriedades visitadas entre uma etapa e outra.

Além disso, a aceitabilidade dos produtores em relação a execução da campanha será discutida, uma vez que foi um problema relatado. Para este certame, foi utilizada a pesquisa de satisfação conduzida pela iniciativa privada após as etapas da campanha, e esses dados coletados foram importantes e necessários para identificar pontos de melhoria que facilitariam a aplicabilidade das etapas seguintes de vacinação.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho teve como base a análise dos dados coletados durante a vigência do Projeto Piloto da Vacinação contra Peste Suína Clássica no estado de Alagoas, de 09/06/2021 a 30/04/2022, para que fosse debatido a continuidade da campanha, seu alcance no estado ao longo do tempo, bem como a adesão dos produtores ao projeto, tendo como subsídio a pesquisa de satisfação realizada pela

iniciativa privada após encerrada a segunda etapa da campanha.

Dos métodos de pesquisa

Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste estudo, foi utilizada a pesquisa explicativa, tendo como fonte dados de literatura sobre a Peste Suína Clássica (PSC), o Projeto Brasil Livre de PSC, o Relatório Oficial do Projeto Piloto da Campanha de Vacinação contra PSC em Alagoas, o Questionário de Satisfação Aplicado aos Criadores de Suínos de Alagoas e outras fontes secundárias como sites de notícias e revistas.

Da realização da campanha na 1ª e 2ª etapas em Alagoas

Vale ressaltar que o Projeto Piloto foi viabilizado através de uma parceria público-privada, contando com a participação do Serviço Veterinário Oficial (MAPA, Superintendência Federal - SFA/AL e Departamento de Saúde Animal - DSA), a Agência de Defesa e Inspeção Agropecuária (ADEAL), Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e representantes da iniciativa privada, que disponibilizaram pessoal e recursos financeiros para executar o projeto, levando a vacinação de forma gratuita aos suinocultores do estado.

A vacina empregada na campanha,

foi produzida a partir da semente amostra C - Cepa China Lapinizada, apresentadas em frascos de 10 doses, constituída por uma fração sólida, chamada de liofilizado, e uma fração líquida, chamada de diluente, armazenada sob a temperatura de 2 a 8° C. Após reconstituída, a vacina era administrada por via intramuscular, na dose de 2,0 ml por suíno. Os frascos das vacinas para o Projeto Piloto foram doados pela empresa Zoetis Indústria de Produtos Veterinários LTDA, e distribuídos em 34 revendas agropecuárias em todo o território alagoano, que tinham condições adequadas para o armazenamento do mesmo (MAPA, 2022).

Quanto à condução da campanha no estado de Alagoas, o IICA foi o Instituto intermediador entre o setor público e privado, devido a sua natureza de organismo internacional apoiador do desenvolvimento agrícola e bem-estar rural nos Estados Membros (IICA, 2023). Sendo assim responsável por administrar a conta do projeto, realizando a aquisição de insumos necessários para a campanha, bem como por contratar, por meio de licitação, a empresa responsável pela coordenação dos vacinadores. Ao final do projeto, o IICA auditou a empresa contratada, bem como aplicou o questionário de satisfação aos produtores em conjunto com representantes da iniciativa privada.

No tocante a logística de execução

da campanha, as equipes de vacinadores, formadas por colaboradores locais, sendo eles médicos veterinários, auxiliares, estudantes de medicina veterinária, entre outros, foram distribuídos nas três mesorregiões do estado de Alagoas. E, para uma melhor gestão do processo de vacinação (Figura 1), cada uma das três mesorregiões foi coordenada por um colaborador/coordenador da empresa contratada. Esse coordenador tinha como responsabilidade a gestão dos vacinadores, recebimento da documentação gerada, verificação da necessidade de reposição de equipamentos e insumos, e a divulgação das orientações necessárias (MAPA, 2022).

Figura 1. Mapa de Alagoas e suas três mesorregiões: Leste (52 municípios), Agreste (24 municípios) e Sertão (26 municípios).



Fonte: Alagoas Governo (2021)

Da coleta de dados da 1ª e 2ª etapas da campanha

De acordo com Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

(2022), na primeira etapa, os vacinadores preenchem formulários com informações relevantes, como o número de animais vacinados, a identificação do proprietário e da propriedade, entre outros. Esses dados eram encaminhados para a base de dados do SVE (Serviço Veterinário Estadual) para atualização cadastral adequada. Na segunda etapa, foi implementado o aplicativo Epicollect5, que permitiu a coleta de dados por meio de celulares, possibilitando um acompanhamento em tempo real dos trabalhos realizados e facilitando a auditoria de toda a informação cadastrada. Em ambas as etapas os suínos vacinados foram brincados com brincos retangulares com a descrição “PSC-AL”.

Do questionário de satisfação aplicado aos produtores

Após findadas as duas primeiras etapas, houve a necessidade de aplicar um questionário de satisfação aos produtores quanto a campanha (Anexo A), tendo em vista as dificuldades recorrentes relatadas pelos vacinadores, tais como as citadas no relatório final do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2022), como a resistência dos produtores em receber as equipes de vacinação em suas propriedades, e em fornecer seus dados pessoais para a emissão do comprovante de vacinação. Essa situação

evidenciou o que poderia ser uma falha na divulgação e consequente desconhecimento da campanha pelos produtores rurais. Assim, após a consolidação dos dados ao final da segunda etapa, foi realizada a seleção das propriedades a serem visitadas para a aplicação do questionário de satisfação dos produtores em relação a execução da campanha de vacinação nos suínos, com os seguintes critérios (dados retirados do relatório final da pesquisa de satisfação realizada pelo IICA, ABCS, ABPA, 2022).

1. Não foram consideradas as propriedades que continham menos de 10 suínos;
2. Foi realizado sorteio de 1 vacinador de cada município de Alagoas;
3. Após o sorteio, foram retiradas as duplicidades (um mesmo vacinador pode ter vacinado mais de um município), para evitarmos a visita em duas propriedades do mesmo vacinador;
4. Após esta seleção, os vacinadores foram subdivididos em 3 regiões (Leste, Sertão e Agreste);
5. Com a subdivisão completa, foram selecionados 12 vacinadores para região Leste e Sertão e 14 vacinadores para a região Agreste;
6. Com o roteiro definido foram selecionados os vacinadores das

idades mais próximas e através do auxílio dos coordenadores de área, foi possível otimizar a definição do percurso.

Levando em consideração esses critérios, foram visitados a margem amostral de 26 produtores, abrangendo 27 municípios alagoanos, no período de 17 a 26 de maio de 2022.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, demonstramos os resultados dos dados coletados durante a vigência do plano piloto da campanha de vacinação contra a Peste Suína Clássica em Alagoas. Nestes resultados, foram descritos os elementos principais coletados de cada uma das duas etapas que fizeram parte do piloto, tais como o tempo de duração de cada etapa, o número de suínos vacinados e as propriedades visitadas. Dessa forma, foi possível comparar cada um desses pontos e analisar o motivo das diferenças dos dados entre cada uma delas.

Na sequência, apresentamos os resultados do questionário de satisfação aplicado pela iniciativa privada aos suinocultores do estado. Esse questionário foi fundamental para identificar possíveis pontos de melhorias, do ponto de vista do produtor rural, a serem aplicados nas etapas seguintes.

Da análise dos dados coletados durante a execução das duas primeiras etapas da campanha de vacinação contra a Peste Suína Clássica no estado de Alagoas

As vacinas contra a PSC são usadas em diferentes contextos e situações epidemiológicas, mas sempre como parte de um programa nacional de controle sob os cuidados da autoridade veterinária, sendo integrante de um conjunto de ações de medidas sanitárias de defesa (BRASIL, 2002; BRASIL, 2004a,b; SILVA, 2012).

Em Alagoas, temos o cenário da circulação viral por ser um estado localizado na Zona não Livre da doença, e, segundo a Organização Mundial da Saúde Animal (2019), em situações endêmicas, a vacinação é usada principalmente para diminuir o impacto da doença ou como primeiro passo em um programa de erradicação.

Como resultados das duas campanhas de vacinação, que corresponderam ao Projeto Piloto, temos na 1ª etapa, que ocorreu no período de 09/06/2021 a 09/08/2021 (60 dias), onde foram vacinados 119.539 suínos e visitadas 7.211 propriedades. Para esta etapa, foram contratados 59 vacinadores, que alcançaram 83 (81%) dos 102 municípios de Alagoas. Já a 2ª etapa da campanha de vacinação, que contou com aprendizados da etapa anterior, foi realizada no período

de 21/03/2022 a 30/04/2022 (40 dias), e vacinados 127.191 suínos em Alagoas, distribuídos em 5.581 propriedades rurais. Para esta etapa, foram contratados 67

vacinadores visando realizar a campanha em menor tempo, e alcançaram 96 (94%) dos 102 municípios de Alagoas (Tabela 1) (BRASIL, 2022)

Tabela 1. Suínos vacinados, propriedades visitadas, municípios alcançados e vacinadores contratados nas etapas 1 e 2 da campanha de vacinação contra Peste Suína Clássica no estado de Alagoas.

ALAGOAS	1º ETAPA	2ª ETAPA
	09/06/21 a 09/08/21	21/03/22 a 30/04/22
Suínos vacinados	119.539	127.191
Propriedades visitadas	7.211	5.581
Municípios alcançados	83	96
Vacinadores contratados	59	67

Fonte: Do Autor (2023).

Quando comparados o tempo de duração das etapas da campanha, bem como o alcance em relação ao número de municípios que receberam a vacinação, para a execução da primeira etapa foi necessário o total de 60 dias, onde foram alcançados 83 dos 102 municípios alagoanos. Já a segunda etapa, ocorreu em um período menor, no total de 40 dias de campanha, com um alcance de 96 dos 102 municípios alagoanos.

Segundo o relatório oficial da campanha, essa diferença entre as duas etapas, se deu pelo contraste do número de cadastros de propriedades rurais com criação de suínos disponibilizado no último censo oficial de Alagoas, tais como os dados do IBGE (Tabela 2), com o

número real de propriedades e suínos localizados durante a execução da primeira etapa. Ou seja, durante a primeira etapa, mais de 74% das propriedades visitadas foram de novos cadastros (BRASIL, 2022; IBGE, 2023). Diante desses fatos, podemos aferir que a primeira etapa teve um prazo maior de duração, pois foi realizado um novo mapeamento das propriedades com criações de suínos no estado. Esse novo mapeamento, bem como um aumento no quantitativo de vacinadores a campo, somou para a celeridade da execução e alcance de municípios durante a segunda etapa da campanha.

Tabela 2. Comparação entre os dados do censo IBGE a respeito das propriedades de suínos e animais registrados no estado de Alagoas em 2017, e os dados coletados na 1ª etapa da campanha de vacinação contra PSC.

ALAGOAS	DADOS IBGE	DADOS 1ª ETAPA
Número efetivo de suínos	59.560	119.539
Número de estabelecimentos agropecuários com suínos	10.721	7.211

Fonte: BRASIL, (2019); IBGE (2023) .

Outro elemento comparativo, está nos resultados da quantidade de propriedades com criação de suínos e a quantidade desses suínos por propriedade encontrados nas duas etapas, pois segundo o relatório oficial, verificou-se que 25% das propriedades possuíam até 3 suínos na primeira etapa e 4 suínos na segunda etapa, e que cerca de 75% das criações possuíam até 17 e 24 suínos na primeira e segunda etapa de vacinação, respectivamente.

Quando se trata do tipo de criação de suínos predominante na região nordeste, é conhecido que a maioria dos produtores rurais mantém esses animais para o comércio local ou próprio consumo, sendo que esse segundo é chamado de suinocultura de subsistência. Essas criações são oriundas da agricultura familiar, com a utilização de baixo nível tecnológico em estruturas (SILVA FILHA, 2011; FEHR, 2017). Diante disso, com os

dados coletados ao final do projeto piloto, evidenciou que o tipo de criação predominante em Alagoas é do tipo não tecnificada e de pequeno porte, e isso influencia na quantidade de suínos vacinados nas etapas, devido a rotatividade desses animais, pois conforme descrito acima, são criados para consumo próprio ou comércio local, fazendo com que o quantitativo de suínos vacinados durante as etapas sofram variação conforme a sazonalidade, ou seja, de acordo com a época do ano em que a etapa está sendo realizada, em decorrência de períodos que demandam maior consumo da carne suína.

Ainda, em relação a criação de subsistência, a probabilidade de transmissão de doenças é maior devido a facilidade de contato desses animais com o ambiente externo e a forma de alimentação. Ambiente favorável a disseminação da PSC, quando há

circulação do vírus na região, pois os suínos domésticos podem facilmente se infectar através de material infectado de suínos asselvajados ou quando são alimentados com restos de alimentos contaminados com produtos cárneos de suínos infectados pelo vírus (BRAGA, 2013). Reforçando que a PSC é uma doença que não tem cura e causa grandes prejuízos econômicos de forma direta ou indireta, sendo uma ameaça constante para os estados da Zona Livre da doença, bem como um limitante para o desenvolvimento da suinocultura da região Norte-Nordeste.

Ao se tratar de desenvolvimento da suinocultura dessas regiões, vale destacar que a erradicação da doença é fundamental para o reconhecimento internacional gradativo de livre de PSC, demonstrando as boas condições sanitárias do país, bem como no seu controle, o que fortifica a qualidade dos produtos ofertados, mantendo o país competitivo no mercado internacional da suinocultura e gera outros benefício como a abertura de novos mercados (FREITAS et al., 2007; MORAIS et al., 2021).

Dito isto, é evidente a importância da implementação da campanha de vacinação em toda a Zona não Livre para erradicar a PSC, em conjunto com outras iniciativas voltadas para ao produtor dessas regiões, no sentido de buscar o

reconhecimento completo do Brasil como livre da doença, e conseqüentemente o fortalecimento e expansão do setor. Pois, além de salvaguardar o rebanho de suínos nacional, viabiliza o crescimento, a estruturação e a modernização da cadeia da suinocultura do Norte-Nordeste, que representa um importante mercado consumidor.

Da análise dos dados coletados na entrevista de satisfação voltado aos produtores de Alagoas

A primeira entrevista de satisfação realizada pela iniciativa privada aos produtores, se deu no período de 17 a 26 de maio de 2022, onde foram sorteadas 26 propriedades como prova amostral, abrangendo 25 municípios das três mesorregiões alagoanas (MAPA, 2022).

Para essa coleta de dados, foi designada uma equipe composta por representantes do IICA, da Associação Brasileira de Proteína Animal - ABPA e da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos - ABCS. Esses dados foram importantes para analisar a campanha sob a ótica do produtor e verificar a evolução dos pontos aprendidos entre a primeira e a segunda etapas, bem como aprimorar as ações para a continuidade da vacinação no estado.

O questionário aplicado ao

produtor foi composto de 10 perguntas, onde os temas variaram entre a quantidade de suínos vacinados na primeira e na segunda etapas, satisfação em relação a forma de execução da campanha, disponibilidade dos produtores para a aquisição das vacinas de forma paga,

adesão à campanha de forma semestral, dentre outros. Para melhor se chegar à discussão que se propõe neste artigo, foram selecionadas as perguntas que atendem a satisfação do produtor diante da campanha (Tabela 3), bem como outras indagações necessárias para este fim.

Tabela 3. Perguntas selecionadas do questionário de satisfação aplicado aos produtores em 2022, referente a campanha de vacinação no estado de Alagoas.

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Você acha a vacinação importante?	26 (100%)	0
Você vacinaria regularmente os seus suínos, a exemplo da vacinação em bovinos contra a febre aftosa?	26 (100%)	0
Você compraria a vacina para imunizar o seu rebanho?	26 (100%)	0

Fonte: IICA, ABCS e ABPA (2022).

A apuração dos dados resultou em resposta unânime de aceitação quanto aos três critério indagados, e isto pode estar relacionado com a consciência do produtor sobre a importância da vacinação como uma medida de prevenção para o controle de doenças em animais de produção, em especial da PSC, entendendo que esta é uma doença que não tem cura e é altamente contagiosa, sendo a vacina o melhor meio de controlar e erradicar a circulação viral (FREITAS, 2012;

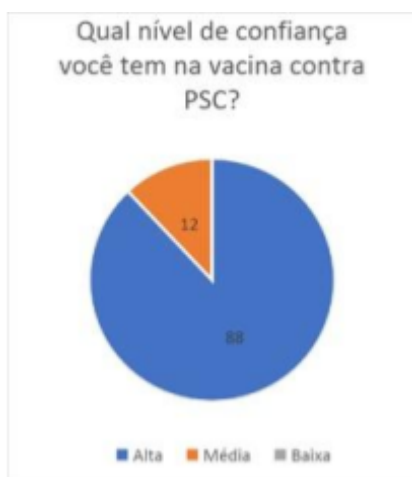
ISHIZUKA, 2019).

Dessa forma, se identificou uma maior aceitação por parte dos produtores em comparação com a primeira etapa da campanha de vacinação, pois segundo relatório oficial, na etapa pioneira houve resistência de alguns suinocultores em receber os vacinadores nas propriedades para a vacinação dos suínos, o que não ocorreu na segunda etapa, período no qual foi aplicado o questionário.

Outras perguntas essenciais para

chegar a conclusões foram aplicadas, conforme os gráficos 1 e 2, a seguir.

Gráficos 1 e 2. Outros parâmetros utilizados para se verificar o nível de satisfação do produtor alagoano no tocante a campanha de vacinação.



Fonte: Adaptado de DIAS (2022); ABCS (2022).

Os dados obtidos no tocante ao nível de confiança do produtor com a vacina, se mostraram representativos, sendo que 88% dos produtores responderam ter alta confiança, e 12% média confiança. Segundo Figueiredo *et al.* (2020), a confiança da população na

eficácia e segurança das vacinas é fundamental para o sucesso dos programas de vacinação em massa. Além disso, a construção da confiança é oriunda de uma comunicação clara e precisa (SANTOS, 2018).

A alta porcentagem alcançada com a resposta dos produtores em alta confiança, leva à conclusão de que as informações e comunicações relacionadas à campanha de vacinação contra a PSC desempenharam um papel significativo em fortalecer e estabelecer a segurança dos produtores em relação à eficácia e importância da vacina.

Ainda, quando os produtores rurais foram indagados a respeito do meio pelo qual tomaram ciência da campanha, a maioria informou ter tomado conhecimento por meio do vacinador da região, o que sugere que a comunicação direta e o contato pessoal foram os meios mais efetivos para divulgar informações. No entanto, outros meios como outdoors, redes sociais, rádio e televisão foram empregados para este fim, mas pouco citados na pesquisa. No tocante a importância de uma ampla divulgação, segundo Baptista (2021), esta é uma ferramenta poderosa para conscientizar os produtores rurais e para garantir o sucesso da iniciativa.

Dessa forma, se verificou que a divulgação não foi ampla o suficiente, podendo ser este um ponto de melhoria para as próximas etapas. Sugerindo que haja um maior empenho na propagação de informações pelos outros meios de divulgação, para que se alcance uma comunicação difusa, alcançando um maior número de pessoas.

CONCLUSÃO

A campanha de vacinação contra a Peste Suína Clássica em Alagoas tem sido um importante instrumento de promoção da saúde animal e de melhoria da cadeia suinícola da região. Desde a sua implementação, a campanha tem passado por diversas etapas e vem se aprimorando a cada uma delas. Isso é resultado de um trabalho conjunto envolvendo as autoridades sanitárias, os produtores rurais e outros profissionais ligados ao setor.

Dentre os principais pontos de melhoria da campanha, destacou-se o cadastro mais preciso de propriedades com criações de suínos em Alagoas. Essa medida permitiu uma maior eficiência das etapas seguintes da campanha, com um maior alcance em menor tempo, além de ser um importante dado para auxiliar no planejamento de outras ações e políticas públicas voltadas para esses produtores. Além disso, a vacinação tem se mostrado

um meio primordial para a manutenção da sanidade animal no estado, salvaguardando a saúde desses suínos e, por consequência, valorizando o preço pago aos animais, o que implementa a renda dos suinocultores da região.

Atualmente, a campanha segue para a 4ª etapa, sendo entregue gratuitamente aos produtores do estado. No entanto, a conscientização sobre a importância da vacinação ainda é um desafio. Isso reforça a necessidade de que seja trabalhado a comunicação por diversos outros meios, tais como rádio, televisão, jornais locais e outros, uma vez que a vacinação é um processo cíclico, que demanda adesão do produtor para ser cumprida semestralmente. Para essa adesão, se faz necessário que haja a compreensão desses produtores sobre a importância da vacina na manutenção da saúde animal e para o desenvolvimento da cadeia suinícola no estado, fazendo com que somem esforços para o sucesso das etapas seguintes.

Dito isto, é importante destacar que o vírus da PSC é uma ameaça constante para a cadeia suinícola nacional, bem como para o comércio internacional, e a erradicação da doença depende da união de esforços dos estados e de todos os setores. As políticas públicas de vacinação, bem como outras medidas de prevenção, são um

importante instrumento nesse sentido, e a eficácia dessas medidas depende de um bom trabalho de comunicação para que a

conscientização e adesão ampla de produtores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABCS. Associação Brasileira dos Criadores de Suínos. **ABCS celebra encerramento de 2021 com saldo positivo de ações do fundo nacional de desenvolvimento da suinocultura FNDS.** Brasília, 2021. Disponível em: <https://abcs.org.br/noticia/abcs-celebra-encerramento-de-2021-com-saldo-positivo-de-aco-es-d-o-fundo-nacional-de-desenvolvimento-da-suinocultura-fnds/> Acesso em: 05 mai. 2023.

BERSANO, J. G; VILLALOBOS, E.M.C; BATLOUNI, S.R. Pesquisa do vírus da peste suína clássica em suínos sadios abatidos em matadouros no Estado de São Paulo. Arq. Inst. Biol. 2001.

BRAGA, J. F. V et al. Soroprevalência de pseudorraiva, peste suína clássica e brucelose em suínos do estado do Piauí. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v.65, n.5, p. 1321-1328, 2013.

BRASIL, 2002. **Instrução de Serviço nº 33, de 13 de dezembro de 2002.** Implanta o Manual de Procedimentos para o Plano Estratégico de Vacinação contra PSC na região Nordeste, exceto BA e SE. Disponível em: https://dodf.df.gov.br/index/visualizar-arquivo/?pasta=2023%7C02_Fevereiro%7CDODF%2003_3%2015-02-2023%7C&arquivo=DODF%20033%2015-02-2023%20INTEGRA.pdf Acesso em 05 mai.2023.

BRASIL, 2004b. **Instrução Normativa nº 47, de 18 de junho de 2004.** Aprova o Regulamento Técnico do PNSS. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/arquivos-programas-sanitarios/2004IN47PNSS.pdf/view> Acesso em 05 mai.2023.

BRASIL, 2004a. **Instrução Normativa nº 27, de 20 de abril de 2004.** Aprova o Plano de Contingência para a PSC, a ser seguido em todo o território nacional. Disponível em: <http://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/sanidade-suidea/legislacao-suideos/2004IN27PlanodePSC.pdf/view> Acesso em 08 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Plano estratégico Brasil Livre de Peste Suína Clássica.** 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/sanidade-suidea/plano-estrategico-brasil-livre-de-pestes-suina-classica> Acesso em 15 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Plano estratégico Brasil Livre de Peste Suína Clássica - Relatório Projeto Piloto Alagoas. 2022.** Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/sanidade-suidea/plano-estrategico-brasil-livre-de-pestes-suina-classica/Relatorio_Projeto_Piloto_Alagoas_web.pdf Acesso em 15 mai. 2023.

BAPTISTA, M; OLIVEIRA, S. **Adeus ao vírus: Erradicação da Febre Aftosa: a participação de Mato Grosso na maior epopeia veterinária das Américas.** 1. ed. Cuiabá, MT. Entrelinhas Editora, 2021. Disponível em: <http://www.fesamt.com.br/site/#publicacoes>

Acesso em 15 mai. 2023.

EMBRAPA. **Como evitar a disseminação da Peste Suína Clássica**. Criciúma, 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/documents/1355242/0/Nota+T%C3%A9cnica+PSC/>. Acesso em 05 mai. 2023.

FEHR, M. B. A. **Análise das variáveis de custos de produção de suínos nas regiões nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do Brasil**. 2017. 24 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/4292>. Acesso em 05 mai. 2023.

FIGUEIREDO, A; SIMAS, C; KARAFILLAKIS, E; PATERSON, P; LARSON, H.J. **Mapping global trends in vaccine confidence and investigating barriers to vaccine uptake: a large-scale retrospective temporal modelling study**. Published: September 10, 2020 DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31558-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31558-0).

FREITAS, T. R. P; ESTEVES, E. G; OLIVEIRA, A. M; JOINEAU, M. E. G; DUARTE, A. C. S; VARGAS, I; CALDAS, L. A; REBELLO, M. A. **Classical Swine Fever in Brazil: study for the survey of classical swine fever outbreaks in Brazil from 1978 to 2004**. Semina. 2007; 28(2):277-86. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4457/445744084014.pdf> Acesso em 15 mai. 2023.

FREITAS, T. M. S. **Vacinas utilizadas no manejo sanitário de bovinos**. Goiânia, 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/67/o/Vacinas_utilizadas_no_manejo_sanit%C3%A1rio_de_bovinos.pdf?1352460327. Acesso em 05 mai. 2023.

GOVERNO DE ALAGOAS. **Alagoas em dados e informação**. Disponível em: https://dados.al.gov.br/catalogo/pt_PT/dataset/mapas-de-caracterizacao-territorial/resource/9820e-ecf-fe49-468c-9dd1-732c619e0d33. Acesso em 05 mai. 2023.

IBGE. **Censo Agropecuário Alagoas**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pesquisa/24/65644>. Acesso em 05 mai. 2023.

IICA. **Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, quem somos**. Disponível em: <https://www.iica.int/pt/about-us/main> Acesso em 05 mai. 2023.

ISHIZUKA, M. M. Peste Suína Clássica. IN: **Doenças virais de importância na produção de suínos**. ABCS, Brasília, 2019. Disponível em: <https://abcs.org.br/wp-content/uploads/2020/10/book-apostila-15012021.pdf> Acesso em 05 maio de 2023.

MORAIS, Y. C; BUENO, C. C. S.; RIBEIRO, L. F. R. **A Peste Suína Clássica e a atuação do Serviço Veterinário frente aos focos no Brasil**. GETEC, v.10, n.28, p.50-57/2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/getec/article/view/2388> Acesso em 15 mai. 2023.

OIRSCHOT, J. T. V. Classical Swine Fever (Hog Cholera). In: Straw BE, D'allaire S, Mengeling WL, Taylor DJ. **Diseases of Swine**. 8th ed. Ames: Iowa State University Press, 1999. p. 159-72.

OLIVEIRA, L. G.; OLIVEIRA, M. E. F; GATTO, I. R. H; ALMEIDA, H. M. S; SAMARA, S. I. **Peste suína clássica: caracterização da enfermidade e ações de controle e**

erradicação adotadas no Brasil. Vet. e Zootec. 2014.

OMSA/WOAH. Organização Mundial de Saúde Animal/World Organization for Animal Health. **Technical disease card: classical swine fever, 2009.** Disponível em: http://www.oie.int/fileadmin/Home/eng/Animal_Health_in_the_World/docs/pdf/Disease_cards/CLASSICAL_SWINE_FEVER.pdf. Acesso em 05 mai. 2023.

OMSA/WOAH. Organização Mundial de Saúde Animal/World Organization for Animal Health. **Informe semestral para la notificación de la presencia de enfermedades de la lista de la OIE, 2019.** Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saudeanimal/informes/SegundoSemestre2018OIEEsp.pdf>. Acesso em 15 mai. 2023.

PATON, D. J; GREISER-WILKE, I. **Classical swine fever– an update.** Res Vet Sci. 2003; 75:169- 78. Rev. Adm. Saúde - Vol. 18, Nº 72, jul. – set. 2018.

RIDPATH, J. F.; FLORES, E. F. Flaviviridae. In: FLORES, E. F. **Virologia Veterinária.** 1.ed. Santa Maria: Editora da UFSM, p.563-591, 2007.

SANTOS, R. **A importância da comunicação no processo de liderança.** Disponível em: <https://www.cqh.org.br/ojs-2.4.8/index.php/ras/article/view/128/172> Acesso em 15 mai. 2023.

SILVA-FILHA, O. L; BARBOSA, É. J. R. Como se produz suínos locais na região nordeste do Brasil. En: N. Barlocco y A. Vadell, eds. Producción de cerdos a campo. **Aportes para el desarrollo de tecnologías apropiadas para la producción familiar.** Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Agronomía, Universidad de la República del Uruguay. p. 126-128. Disponível em: <http://www.ciap.org.ar/Sitio/Archivos/Como%20se%20produz%20suinos%20locais%20na%20regiao%20nordeste%20do%20Brasil.pdf>. Acesso em 05 mai. 2023.

SURADHAT, S.; DAMRONGWATANAPOKIN, S.; THANAWONGNUWECH, R. Factors critical for successful vaccination against classical swine fever in endemic areas. **Vet Microbiol.** 2007; 119:1-9. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17097243/> Acesso em 15 mai. 2023.

ZANELLA, J. R. C.; MORÉS, N; BARCELLOS, D. E. S. N. Principais ameaças sanitárias endêmicas da cadeia produtiva de suínos no Brasil. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v.51, n.5, 443-453, 2016.

ZIMMERMAN, J. J.; KARRIKER, L. A.; RAMIREZ, A.; SCHWARTZ, K. J.; **Diseases of swine.** 11th ed. John Wiley & Sons, West Sussex. 2019.